

AS DIFERENTES FACES DO REGIONAL NA LITERATURA BRASILEIRA

Verônica Franciele Seidel

Mestranda em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

RESUMO

Este texto objetiva discorrer sobre o regionalismo brasileiro e suas diferentes faces na literatura. Para isso, são analisadas as obras *São Bernardo*, de Graciliano Ramos, *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, e *A Terceira Margem do Rio*, de João Guimarães Rosa. Tais obras trabalham com diferentes aspectos e pressupostos desse regionalismo. Em *São Bernardo*, tem-se a premissa de que os homens são produzidos pelo meio físico; em *A Terceira Margem do Rio*, Guimarães, por meio daquilo que se poderia denominar de “super-regionalismo”, trata de problemas universais; e, em *A hora da estrela*, Clarice parte do regional de uma forma explícita ao tomar como protagonista uma retirante nordestina, mas, semelhante a Guimarães Rosa, ela utiliza essa matéria regional para discutir questões daquilo que é interior ao nordestino e, também, ao ser humano de uma maneira geral.

Palavras-chave: regionalismo, conflitos humanos, espaço histórico-social.

ABSTRACT

This text aims to discuss the Brazilian regionalism and its different faces in the literature. For this, we analyze the literary works *São Bernardo*, by Graciliano Ramos, *A hora da estrela*, by Clarice Lispector, and *A Terceira Margem do Rio*, by João Guimarães Rosa. Such works deal with different aspects and assumptions of that regionalism. In *São Bernardo*, there is the premise that humans are produced by the physical environment; *A Terceira Margem do Rio*, by Guimarães, through what might be called "super-regionalism", discusses universal problems; and in *A hora da estrela*, Clarice arises from the regionalism explicitly, making the protagonist a Northeastern migrant, but, as well as Guimarães Rosa, she uses this regional element to discuss issues from the inside of the Northeast and, also, of the human being generally.

Keywords: regionalism, human conflicts, historical and social space.

Introdução

A fim de tratar sobre as diferentes faces do regionalismo na literatura brasileira, especificamente nas obras de Graciliano Ramos em *São Bernardo*, Clarice Lispector em *A hora da estrela* e João Guimarães Rosa em *A Terceira Margem do Rio*, traz-se, inicialmente, uma discussão, embasada primordialmente em Antonio Candido, sobre o conceito de regionalismo na literatura.

Segundo Candido (2002b, p. 123), o regionalismo pode ser entendido na literatura como uma “obsessiva presença física do meio; uma sociedade cuja pauta e destino dependem dele; como resultado o conflito entre os homens”. Pode ainda ser definido como o registro da situação social das regiões retratadas (GUADAGNIN, 2007, p. 57): “ao regionalismo coube a descrição do local retratado, seus hábitos, seus costumes, através de personagens que pretensamente representavam a comunidade focalizada”.

O regionalismo

foi uma busca do tipicamente brasileiro através das formas de encontro, surgidas do contato entre o europeu e o meio americano. Ao mesmo tempo documentário e idealizador, forneceu elementos para a auto-identificação do homem brasileiro e também para uma série de projeções ideais (CANDIDO, 2002a, p. 86).

O tema rústico [normalmente constituinte da literatura regionalista] puxa para os aspectos exóticos e pitorescos e, através deles, para uma linguagem inculta e cheia de peculiaridades locais [...] O Regionalismo deve estabelecer uma relação adequada entre os dois aspectos, e por isso se torna um instrumento poderoso de transformação da língua e de revelação e autoconsciência do país (CANDIDO, 2002a, p. 87).

A partir dessa breve conceituação de regionalismo literário, parte-se para a análise proposta das obras, de modo a identificar, ao final, aproximações e distanciamentos em relação a esse conceito.

São Bernardo – o homem e o meio

São Bernardo, que teve sua primeira edição publicada em 1934, narra a ascensão e a decadência de um sertanejo nordestino chamado Paulo Honório. A obra em questão é narrada em primeira pessoa, pelo próprio protagonista.

Chama a atenção, primeiramente, a mudança social no próprio meio em que Paulo Honório se encontra:

Mudou tudo. Gente nasceu, gente morreu, os afilhados do major cresceram e foram para o serviço militar, em estrada de ferro [...] O povoado transformou-se em vila, a vila transformou-se em cidade, com chefe político, juiz de direito, promotor e delegado de polícia [...] O automóvel a gasolina, a eletricidade e o cinema. E os impostos (RAMOS, 1992, p. 37).

Tem-se aqui o relato das transformações que estavam ocorrendo pelo mundo em virtude do capitalismo e que acabaram atingindo o nordeste brasileiro. Essas transformações permitirão a ascensão social de Paulo Honório, que tinha como único intento a posse da fazenda São Bernardo. Assim, afirma o protagonista:

Fiz coisas boas que me trouxeram prejuízo; fiz coisas ruins que deram lucro. E como sempre tive a intenção de possuir as terras de S. Bernardo, considerei legítimas as ações que me levaram a obtê-las [...] Depois da morte do Mendonça, derrubei a cerca, naturalmente, e levei-a para além do ponto em que estava no tempo de Salustiano Padilha. Houve reclamações [...] Como a justiça era cara, não foram à justiça. E eu, o caminho aplainado, invadi a terra do Fidélis, paralítico de um braço, e a dos Gama, que pandegavam no Recife, estudando direito. Respeitei o engenho do dr. Magalhães, juiz (RAMOS, 1992, p. 39-40).

A partir desse trecho, é possível fazer algumas inferências acerca da personagem e de suas atitudes. Em um meio agreste em que nem sempre os bons atos são suficientes para sobreviver (afinal de contas, se Paulo Honório tivesse agido sempre de modo correto, não teria enganado Padilha e ganhado as terras de São Bernardo), as ações ilegítimas são consideradas legítimas para a obtenção de determinados fins. Dessa forma, Paulo Honório diz que “naturalmente” expandiu as cercas de sua propriedade, o que demonstra que ele, pelo menos em sua consciência, não estava agindo de má-fé. Tem-se, ainda, a questão da desigualdade social de modo explícito, pois, embora alguns reclamassem dos limites que as terras estavam alcançando, não tinham poder nem recursos para lutar pelo contrário. Além disso, Paulo Honório respeitava somente as terras do juiz Magalhães, ou seja, de alguém superior a ele e que tinha a força necessária para impedi-lo caso assim não procedesse.

Quando Paulo Honório, já de posse das terras de São Bernardo, pede Madalena em casamento, estava interessado apenas em “preparar um herdeiro para as terras de S. Bernardo”, pois, conforme explica, para ele “mulher é bicho esquisito, difícil de governar” (RAMOS, 1992, p. 59). E, diante da relutância de Madalena, usa para convencê-la argumentos que denunciam o fato de que vê nela somente mais um objeto a ser adquirido e que servirá aos seus propósitos:

- Qual reciprocidade. Pieguice. Se o casal for bom, os filhos saem bons; se for ruim, os filhos não prestam. A vontade dos pais não tira nem pão. Conheço o meu manual de zootecnia (RAMOS, 1992, p. 87).

A senhora, pelo que mostra e pelas informações que peguei, é sisuda, econômica, sabe onde tem as vendas e pode dar uma boa mãe de família (RAMOS, 1992, p. 89).

- Um ano? Negócio com prazo de ano não presta. Que é que falta? Um vestido branco faz-se em vinte e quatro horas (RAMOS, 1992, p. 93).

Após o casamento, diante das atitudes de Paulo Honório com os empregados, Madalena começou a questioná-lo. Foi então que “veio nova desinteligência. Depois vieram muitas” (RAMOS, 1992, p. 106). A surra que Paulo Honório dá em Marciano e seu descontentamento quando recebe a fatura de uma compra que Madalena havia feito para a escola corroboram para desnudar o caráter daquele:

Quando a fatura chegou, tremi. Um buraco: seis contos de réis. Seis contos de folhetos, cartões e pedacinhos de tábua para os filhos dos trabalhadores. Calculem (RAMOS, 1992, p. 107).

Como tem coragem de espancar uma criatura daquela forma? - Ah! Sim! por causa do Marciano. Pensei que fosse coisa séria. Assustou-me [...] Naquele momento não supus que um caso tão insignificante pudesse provocar desavença entre pessoas razoáveis [...] aquilo era uma frivolidade (RAMOS, 1992, p. 109-110).

Paulo Honório, que havia aprendido a ler na cadeia, simplesmente não podia entender a importância de gastar tanto dinheiro com filhos de trabalhadores, fato evidenciado pelo verbo “calculem”. Da mesma forma, sempre vira seus empregados como inferiores, como ele um dia já fora e também assim havia sido tratado. Não podia, então, entender qual o problema implicava a surra que deu em Marciano, afinal de contas aquilo era mesmo uma “frivolidade”. Paulo Honório estava agindo como era esperado que ele agisse, segundo o poder que detinha, naquele tempo e naquele espaço, pois era, conforme explica Juarez Filho (2006), um representante da genealogia do sistema coronelista do nordeste brasileiro.

Além disso, havia sido ele, Paulo Honório, o responsável pelo crescimento e bom desempenho de São Bernardo, fato que parecia não estar sendo valorizado pelos outros da forma que deveria:

Senti o desejo de levantar-me e exclamar: - Vejam isto. Estão dormindo? Acordem. As casas, a igreja, a estrada, o açude, as pastagens, tudo é novo. O algodoal tem quase uma légua de comprimento e meia de largura [...] Olhem o descaroador, a serraria. Pensam que isto nasceu assim, sem mais nem menos? (RAMOS, 1992, p. 122).

E, em algumas de suas reflexões, principalmente no final da narrativa, quando o narrador/protagonista faz uma espécie de balanço de sua vida, diz:

Ela [Madalena] se revelou pouco a pouco, e nunca se revelou inteiramente. A culpa foi minha, ou antes, a culpa foi dessa vida agreste (RAMOS, 1992, p. 101).

Penso em Madalena com insistência. Se fosse possível recomeçarmos... Para que enganar-me? Se fosse possível recomeçarmos, aconteceria exatamente o que me aconteceu. Não consigo modificar-me, é o que mais me aflige [...] Creio que nem sempre fui egoísta e brutal. A profissão é que me deu qualidades tão ruins [...] Foi este modo de vida que me inutilizou (RAMOS, 1992, p. 186-187).

Esses excertos são fundamentais para entender o papel do meio na vida e nas atitudes de Paulo Honório. Ele é alguém que já nem lembra o nome dos pais nem quantos anos tem exatamente; que, antes de trabalhar ganhando cinco tostões por doze horas de serviço, era guia de um cego que lhe puxava as orelhas; e vendia doces feitos pela velha Margarida, objetivando adquirir as terras de São Bernardo (pois era esse o único modo de passar de explorado a explorador). Paulo Honório sabe que, se fosse possível recomeçar sua vida, nada seria diferente, pois o meio ainda seria o mesmo: um sertão agreste que o tornou “egoísta e brutal”, inutilizando-o.

Esse sertão nordestino, como explica Mendes (2004), é campo no qual forças travam batalhas, utilizando os mecanismos que têm à mão: manutenção e resignação diante de tradições construídas, vontade de prender e capacidade de fugir, gritos e silêncios. São, portanto, apresentações de realidades que se conjugam, complementam-se e confluem para o mesmo ponto: a realidade do sertão.

A Terceira Margem do Rio – o homem além do meio

O conto *A Terceira Margem do Rio*, que compõe a obra *Primeiras Estórias*, foi publicado originalmente em 1962. O conto em questão, a partir do ponto de vista do narrador-filho, conta a história do pai, que decide viver em uma canoa vagando sobre o rio.

Como relata Bosi (2006), o discurso literário necessita de uma matéria prévia que lhe sirva de suporte, ou seja, parte do real para significar no mundo simbólico. No entanto, quando se trata de *A Terceira Margem do Rio* e da obra de João Guimarães Rosa de forma geral, essa matéria-prima é sempre ultrapassada, de modo que suas histórias revelam uma visão global da existência.

Nesse conto, o pai parte da casa em que habitava, do lugar em que vivia – desta margem –, que pode ser tomada como a primeira margem, mas, ao mesmo tempo, recusa-se a abandoná-la, a cruzar para a outra margem, que seria a segunda margem do rio, e desaparecer. Assim, a primeira margem pode ser pensada como aquela que corresponde ao sertão e a outra margem

como o oposto desse sertão (o oposto daquilo que o pai deixou). Nesse sentido, poder-se-ia dizer que a segunda margem alude à cidade moderna, que significaria a morte do sertão. Entre essas duas margens, o pai navega em procura de outra margem: a terceira margem do rio, que seria o espaço entre a vida e a morte (TORRES, 2009).

Esse pai não cabe, devido ao seu modo de ser, no sistema da ordem estabelecida pela sociedade. Parece não caber no sertão nem na cidade e, por isso, busca outro lugar. Conforme esclarece Candido (2002b, p. 139), há um deslize “entre o real e o fantástico, misturados na prodigiosa invenção de Guimarães Rosa como lei da narrativa. E nós podemos ver que o real é ininteligível sem o fantástico, e que ao mesmo tempo este é o caminho para o real”.

Guimarães Rosa parte, assim, do sertão, desse lugar primevo para pensar e refletir sobre a existência humana de maneira ampla, sobre a existência de todo aquele que está a procura de um não lugar. E é o sertão que lhe fornece essa matéria inicial. O sertão faz-se o único e possível lugar para todos esses encontros e desencontros da vida humana, o lugar do conflito, da mística, da travessia e da esperança. É o lugar em que pai e filho se desencontram, já que aquele está em conflito por não se encaixar nesse lugar até então vivido e por buscar o novo (o inexistente), talvez na esperança de outro lugar.

Conforme explicita Rosenfield (2006), em *Primeiras Estórias*, o mágico, o maravilhoso e o fantástico sempre estão associados a um realismo “documentado”, e os movimentos e as ações das personagens são rigorosamente calculadas no espaço vivo que habitam. Esse misto de mágico, maravilhoso e fantástico, na falta de melhor definição, é o que permite ao pai dessa terceira margem consumir “só um quase”, de modo que comia pouco, “nem o bastável” (ROSA, 2005, p. 79). Ainda no dizer do filho: “De dia e de noite, com sol ou aguaceiros, calor, sereno, e nas friagens terríveis de meio-do-ano, sem arrumo, só com o chapéu velho na cabeça, por todas as semanas, e meses, e os anos - sem fazer conta do se-ir do viver” (ROSA, 2005, p. 79). Esse entremeio entre uma margem e outra possibilita ao pai comer pouco, remar muito e não envelhecer, apesar da intensa atividade de manter-se na canoa.

O conto trabalha, ainda que de modo sutil, a questão do êxodo rural, bastante comum nesse período de modernização que parece ambientar o conto:

Minha irmã se mudou, com o marido, para longe daqui. Meu irmão resolveu e se foi, para uma cidade. Os tempos mudavam, no devagar depressa dos tempos. Nossa mãe terminou indo também, de uma vez, residir com minha irmã, ela estava envelhecida. Eu fiquei aqui, de resto (ROSA, 2005, p. 80).

Assim, os membros da família, um a um, vão embora – primeiro a irmã, depois o irmão e, finalmente, a mãe. O narrador-filho fica e, embora devesse tomar o lugar do pai na canoa, esse lugar que lhe cabia, não conseguiu: “E eu não podia...” (ROSA, 2005, p. 82).

A hora da estrela – o homem fora do meio

A hora da estrela teve sua primeira publicação em 1977. A obra em questão narra, a partir da perspectiva de Rodrigo S.M., a trajetória de Macabéa, uma nordestina que veio para o Rio de Janeiro.

Macabéa, embora tenha deixado o sertão de Alagoas e partido para o Rio de Janeiro, carregará consigo, o tempo todo, as características de sua região natal. O sertão não a abandonou. Ele ainda está em seu interior, representado por tudo aquilo que pode caracterizá-lo – o abandono, a morte, a miséria e o desespero. Desse modo, Macabéa pode ser entendida como uma metáfora do ambiente em que nasceu e passou a infância: “Nascera inteiramente raquítica, herança do sertão” (LISPECTOR, 1984, p. 49).

E assim como o sertão, Macabéa “vive num limbo impessoal, sem alcançar o pior nem o melhor. Ela somente vive, inspirando e expirando, inspirando e expirando [...] O seu viver é ralo” (LISPECTOR, 1984, p. 44). Ela “achava que cairia em grave castigo e até risco de morrer se tivesse gosto. Então defendia-se da morte por intermédio de um viver de menos” (LISPECTOR, 1984, p. 54). Esse viver de menos, esse viver ralo, é também o destino daqueles que não saíram do sertão ou daqueles que nunca lá estiveram:

Como a nordestina, há milhares de moças espalhadas por cortiços, vagas de cama num quarto, atrás de balcões trabalhando até a estafa. Não notam sequer que são facilmente substituíveis e que tanto existiriam como não existiriam (LISPECTOR, 1984, p. 34).

Como Macabéa, há outras moças que não se encaixam na “cidade inconquistável” e que funcionam apenas como engrenagens de um sistema maior, engrenagens facilmente substituíveis. Faz-se interessante atentar, ainda, para o significado do próprio nome Macabéa, termo que pode ser relacionado aos macabeus. Estes acabaram se dispersando de sua terra natal. Como os macabeus,

Macabéa é vítima da opressão dos poderosos, uma pobre nordestina perdida na cidade grande e, como eles, não resiste. A relação traçada entre os dois planos não é simples, pois a exclusão da protagonista das relações de produção, e sua decorrente exclusão sociocultural, a elevam evidentemente como símbolo do exército dos excluídos que

compõe a população brasileira (CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA, 2004, p. 254-255).

Assim, Macabéa pode ser lida também como representante da diáspora do povo nordestino, que igualmente está impedido de permanecer em sua terra, já que nela não encontra as condições necessárias para a sua sobrevivência e, por isso, acaba se dispersando. Entretanto, ao contrário dos macabeus, ela não tem noção alguma do seu direito à indignação: “Poucas se queixam e ao que eu saiba nenhuma reclama por não saber a quem. Esse quem será que existe?” (LISPECTOR, 1984, p. 34). Desse modo, conforme a leitura de Helena (1997, p. 75), Macabéa pode ser vista como uma construção em alegoria – alegoria que faz falar o outro, o oprimido pela história do vencedor; afinal, ela é atropelada por um carro “louro”, em que ressoa a dialética do senhor e do escravo, da cultura europeia e da cultura dependente.

No caso de Macabéa, o grande opressor seria o próprio processo de modernização que se orienta pela anulação da vida. No entanto, é possível afirmar que o narrador utiliza a figura de Macabéa não apenas para figurar seu destino, mas também para refletir acerca da existência de um modo geral, da existência de todo aquele que é oprimido por tal processo de modernização: “Acho que julgava [Macabéa] não ter direito, ela era um acaso. Um feto jogado na lata de lixo embrulhado em um jornal. Há milhares como ela? Sim, e que são apenas um acaso. Pensando bem: quem não é um acaso na vida?” (LISPECTOR, 1984, p. 58). “Foi talvez essa uma das poucas vezes em que Macabéa viu que não havia para ela lugar no mundo” (LISPECTOR, 1984, p. 90).

Macabéa ocupa o papel do sertanejo paciente, em que se percebe uma referência intertextual com o sertanejo que é antes de tudo um forte, de Euclides da Cunha. Esse sertanejo é pouco, um quase nada que espera as agruras que a vida oferece: “Ela era subterrânea e nunca tinha tido floração. Minto: ela era capim” (LISPECTOR, 1984, p. 52) e “tinha ovários murchos como um cogumelo cozido” (LISPECTOR, 1984, p. 82).

Esse ser que é pouco ou nada leva ao desejo de ser outro, de transformar-se em pessoas diversas do que é. É esse desejo que faz com que Macabéa admire Glória, que queira ser como Marilyn Monroe (“Não sei bem o que sou, me acho um pouco... de quê?... Quer dizer não sei bem quem eu sou” (LISPECTOR, 1984, p. 79)).

Assim, Macabéa só ganha existência plena quando morre. Nesse momento, após o choque com o Mercedes, a alagoana sente que aquele era o primeiro dia de sua vida: “nasci” (LISPECTOR, 1984, p. 108) e, pouco depois, assume uma posição fetal. Macabéa nasce então através da morte: “é nesse momento que ela parecia se tornar cada vez mais uma Macabéa,

como se chegasse a si mesma” (LISPECTOR, 1984, p. 107). Ou seja, é somente quando ela “estava enfim livre” (LISPECTOR, 1984, p. 109) das amarras desse mundo no qual não tinha lugar que pôde se tornar um alguém. Pois, antes disso, assim como o capim na narrativa, Macabéa representa aquele que não tem valor, que é pisoteado por todos (AMORIM, 2007).

Considerações finais

A partir do que foi exposto, é possível perceber algumas das diferentes faces que o regionalismo adquire na literatura brasileira. Em *São Bernardo*, tem-se a premissa de que os homens são produzidos pelo meio físico (GUADAGNIN, 2007). Paulo Honório encarna, conforme explica Candido (2004), as formas mais plenas de contradição no mundo-sertão, o que não significa necessariamente, uma deformação, pois este mundo traz como imanescentes certas formas de comportamento, que são baralhadas e parciais nos outros homens, mas que no coronel são levadas a termo e tornam-se coerentes. Este atualiza e dá vida a essas possibilidades atrofiadas do ser, porque o sertão assim o exige, de modo que o mesmo homem que é coronel seria outra coisa noutro mundo. Já em *A Terceira Margem do Rio*, ainda segundo as palavras de Candido (2000, p. 161), Guimarães Rosa seria pertencente ao “super-regionalismo”, porque, através do homem do sertão, ele trata de problemas universais. O pitoresco, embora se fizesse presente, não impediu a presença de temas que levam a refletir acerca dos grandes problemas que atormentam o homem, tornando a literatura rosiana, antes de tudo, universal. Quanto à obra *A hora da estrela*, é possível dizer que ocupa uma posição intermediária entre o regionalismo de *São Bernardo* e o de *A Terceira Margem do Rio*. Clarice parte do regional de uma forma explícita ao tomar como protagonista uma retirante nordestina, mas, semelhante ao modo como faz Guimarães Rosa, utiliza essa matéria regional para pensar sobre aquilo que é interior ao nordestino e também ao ser humano de uma maneira geral.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMORIM, C. T. **Faces da morte na prosa brasileira**: Lucíola, Memórias póstumas de Brás Cubas e A hora da estrela. 2007. 119f. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2007.

BOSI, A. **História concisa da literatura brasileira**. 45 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA. Clarice Lispector. [s. l.]: Instituto Moreira Salles, n. 17 e 18, dez. 2004.

CANDIDO, A. **A educação pela noite e outros ensaios**. 3 ed. São Paulo: Ática, 2000.

CANDIDO, A. **Literatura e Sociedade**: estudos de Teoria e História Literária. 8 ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2002a.

CANDIDO, A. **Tese e Antítese**. 4 ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2002b.

CANDIDO, A. **Vários escritos**. 4 ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul; São Paulo: Duas Cidades, 2004.

GUADAGNIN, M. F. **O regionalismo na literatura brasileira**: o diagnóstico de Antonio Candido. 2007. 127f. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

HELENA, L. **Nem musa, nem medusa**: Itinerários da escrita em Clarice Lispector. Niterói: Eduff, 1997.

JUAREZ FILHO, E. **História e alegoria em São Bernardo de Graciliano Ramos**. 2006. 258f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

LISPECTOR, C. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Record, 1984. 112p.

MENDES, F. F. F. **Ponto de Fuga**: Tempo, Fome, Fala e Poder em 'Vidas Secas' e 'São Bernardo'. 2004. 204f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2004.

RAMOS, G. **São Bernardo**. 58 ed. Rio de Janeiro: Record. 1992. 224p.

ROSA, J. G. **A terceira margem do rio**. In: _____ Primeiras estórias. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005. p. 77-82.

ROSENFELD, K. H. **Desenveredando Rosa**. A poética das primeiras estórias. Rio de Janeiro: Topbooks, 2006.

TORRES, M. R. R. **Guimarães Rosa e outros escritores provincianos latino-americanos** (Arguedas, Rulfo, Roas Bastos e García Marquez). 2009. 212f. Dissertação (Mestrado em Letras)-Universidade Federal de São Paulo, 2009.